

VI SIMPÓSIO DE PROJETOS DO PPGEEB

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMALENTE PARA PENSAR AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

MOREIRA, Suana do Rozário¹
COSTA, Eliane Gonçalves²

Resumo

O território da literatura é constantemente marcado por disputas, há uma silenciosa briga pelo território do saber no Brasil e a literatura afro-brasileira se configura como uma forma de articulação da resistência diante das amarras dos ditos detentores do conhecimento. A Literatura afro-brasileira se contrapõe às produções literárias hegemônicas que excluem o povo negro dos acontecimentos relevantes da história, nela, a história do povo preto é contada pelo próprio povo preto, sem intermediários. O presente estudo é uma pesquisa de procedimento participante cuja abordagem se configura como qualitativa, visto que buscamos priorizar a percepção dos estudantes sobre as relações étnico raciais a partir da leitura da obra literária afro-brasileira *Torto arado* (2019) de Itamar Vieira Junior. A relevância dessa investigação consiste na contribuição que ela oferece para a promoção de um ambiente escolar inclusivo e antirracista, proporcionando a emancipação humana através da experiência com o passado. Além disso, este estudo promove a valorização da literatura afro-brasileira para além do ambiente escolar, se constituindo enquanto ação de valorização da cultura, identidade e história do povo preto.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Educação antirracista. Relações étnico-raciais

Introdução

Começo essa escrita contando a história de uma menina que gostava de ler, mas apesar do incentivo aos estudos, em sua família não havia o hábito de leitura, tão pouco de comprar livros, a prioridade era sempre o alimento. Sua mãe, mulher negra, analfabeta e mãe solo, exigia um bom desempenho dos filhos na escola, mas o máximo que poderia oferecer para que isso acontecesse era comprar o básico de material escolar. Mesmo sem este hábito nutrido em casa, a cada dia que se passava a menina gostava mais de ler e escrever histórias.

¹ Aluno (a) do Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: suana.moreira@edu.ufes.br

² Professor (a) do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: elianegcosta@unilab.edu.br

Dividia o tempo das leituras entre as brincadeiras com os irmãos, de todas, a sua preferida era as de “bonequinhos”. Brincar de bonequinhos era divertido e além de criar todo o cenário, que geralmente era um sítio, as crianças também tinham que confeccionar seus próprios bonecos e animais com palitos de palha e frutinhas verdes. Assim, sem perceber, a menina e as outras crianças reproduziam de maneira inconsciente as vivências do meio em que estavam inseridas.

Por não ter condições de adquirir livros, a solução era tomar emprestado os da escola. Até o quinto ano (antiga quarta série) isso era mais fácil pois a escola era pequena e a professora, com intenção de deixar os alunos feras na leitura, sempre permitia que eles levassem livros para ler nos fins de semana. Após terminar os anos iniciais do ensino fundamental, a menina começou a nova fase de estudos em uma escola maior, localizada em área urbana, que atendia alunos de várias comunidades. Nesta escola, a biblioteca era enorme e inúmeras vezes ela se via namorando aquele amontoado de livros pela janela, curiosa e ansiosa para conhecer as inúmeras histórias que lhe aguardavam.

Mas, para sua tristeza esse dia nunca chegava, então descobriu que os alunos quase nunca tinham acesso àquele espaço, salvo nos dias de pegar os livros didáticos. Era contraditório para aquela menina saber que só poderia tomar livros emprestados se fosse recomendado pelos professores sendo que isso raramente acontecia. A sensação que ela tinha era de que a equipe escolar estava mais preocupada em manter os livros arrumados na biblioteca do que incentivar de fato a leitura. Isso faz sentido se levarmos em consideração que a biblioteca não possuía uma pessoa responsável, sendo assim, quem iria arrumar a bagunça? Quem iria fazer o controle de livros emprestados? Quem iria cobrar ao aluno sobre o extrapolamento do prazo de entrega? Quem iria organizar por gênero cada livro nas prateleiras?

Mesmo diante das dificuldades e burocracias a jovem moça conseguia entrar no espaço e pegar alguns livros, pegava de tudo um pouco: romances, contos, crônicas, poesias e as vezes gostava tanto da obra que queria ficar com ela, queria falar sobre ela com alguém que também tivesse lido, mas, no mundo da leitura a menina se via solitária. Afinal, no auge da adolescência era obvio que seus colegas queriam falar sobre tudo, exceto sobre livros. Isso a frustrava pois pior do que não ler é ter que guardar para si as impressões da leitura que você gostaria de dividir com o mundo.

Graças a essa fome por livros a menina leitora enriqueceu seu vocabulário, melhorou sua escrita e mais importante do que isso, conheceu novos mundos e passou a enxergar os acontecimentos da vida por outras lentes. A literatura lhe proporcionava sair da sua realidade e se imaginar nas histórias, nos papéis mais inusitados dos personagens e nos lugares que talvez seus pés nunca pudessem pisar.

A protagonista dessa história sou eu, mas também pode ser milhares de meninos e meninas espalhados por este Brasil profundo. Infelizmente, esta é uma realidade presente em muitas escolas que já tive a oportunidade de conhecer. Bibliotecas cheias de livros, mas trancadas. Bibliotecas usadas para punir alunos que chegam atrasados ou sem uniformes, bibliotecas sendo usadas como sala de aula improvisada de reforço e dentre outras coisas. Bibliotecas sendo tudo, exceto bibliotecas.

No lugar de mulher negra, quilombola e do campo, a prática da literatura seja em leitura ou escrita já é em si um ato de resistência. A escrita sempre me permitiu contornar a beleza e a dureza da vida entre as folhas de papel, mas só após entrar no espaço acadêmico passei a entender que o que escrevia era pura poesia. Então passei a me interessar por obras que dialogam com minha realidade, minhas experiências de vida e de cor e foi assim que conheci a literatura afro-brasileira. Desde então, minha fome por literatura se ressignificou, agora, vejo a necessidade de um ensino que considere a literatura afro-brasileira como fonte, tornando o ambiente escolar mais inclusivo e antirracista.

O presente estudo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: De que maneira a literatura afro-brasileira enquanto documento histórico pode contribuir para pensar as relações étnico raciais? A relevância dessa investigação consiste em promover no ambiente escolar inclusivo e antirracista através da lente da literatura afro-brasileira, propiciando a emancipação humana através da experiência com o passado. Além de promover a valorização da literatura afro-brasileira para além do ambiente escolar. Contudo, o presente estudo se constitui enquanto ação de valorização da cultura, identidade e história do povo preto.

Desse modo, objetivamos pesquisar como a literatura afro-brasileira pode contribuir no pensar das relações étnico-raciais no contexto da Educação Básica. Para isso, nos propomos a elaborar uma análise da obra literária *Torto arado*, identificar sua relação com a história do local em que a pesquisa será desenvolvida e

compreender o pensamento dos estudantes sobre as relações étnico raciais a partir da leitura da obra.

O presente estudo se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa visto que segundo Silveira e Córdova (2009, p.31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Quanto aos procedimentos, ela se caracteriza como participante, uma vez que:

Na pesquisa participante sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico. A ideia de que somente se conhece o que se transforma é inúmeras vezes evocada até hoje (BRANDÃO, 2007, p.7).

Desse modo, buscamos priorizar a percepção dos estudantes sobre as relações étnico raciais a partir da leitura da obra literária afro-brasileira *Torto arado* (2019) de Itamar Vieira Junior e da elaboração de movimentos de retextualização do romance. A pesquisa terá início a partir da criação de um clube de leitura com alunos da terceira série do Ensino Médio de uma escola da rede estadual localizada no município de São Mateus. A opção pela escola se dá pelo fato de que além dos estudantes do bairro em que a instituição está localizada, ela também recebe alunos oriundos de várias comunidades remanescentes quilombolas e do campo, por esse motivo, a escola tem como principal característica a diversidade, contendo alunos de diferentes realidades sociais. A leitura será dividida em três partes de acordo com a organização do livro.

De início, o projeto será apresentado ao corpo docente da escola e sugerido que ele seja desenvolvido ou junto da disciplina de Língua Portuguesa, ou de Artes ou de História. Antes de iniciarmos o clube de leitura será realizado um momento de apresentação da obra, seu contexto de produção bem como a biografia do autor.

Ao fim de cada ciclo de leitura realizaremos um encontro literário na biblioteca da escola para dialogarmos sobre a parte lida. A escolha da biblioteca escolar se deu por este ser um espaço relevante e simbólico. Por conta de problemas estruturais, muitas escolas têm ressignificado esse espaço tornando-o um local de múltiplas funções, por falta de recursos, muitas bibliotecas escolares não têm um profissional

responsável por sua organização, assim, o lugar que deveria ser reservado à leitura, reflexão e agregação de conhecimento, torna-se um espaço desinteressante e abandonado.

Nos encontros do grupo de leitura os educandos terão liberdade para leitura de trechos e frases que lhes chamaram a atenção, falar sobre a experiência de leitura, as partes mais interessantes e a relação da obra com suas realidades. Durante todos os encontros do clube de leitura as conversas serão gravadas e os assuntos levantados bem como os pequenos detalhes observados minuciosamente serão registrados em um diário de bordo a fim de coletar os dados da pesquisa para posterior análise.

1 Resistir! Seja em terra, mar ou...livro

O mito da democracia racial no Brasil perpetua a ideia de harmonia e equilíbrio social entre as raças. Este pensamento se mantém principalmente através das instituições de ensino que reproduzem uma historiografia linear, cronológica e homogênea. Ora, é mais simples negar a existência do racismo do que o reconhecer, reconhecendo-o é necessário pensar estratégias de combate, e estas estratégias no campo da educação ameaçam a manutenção da homogeneização do saber. Sodré (2012), afirma que a ideia do saber único causa efeitos danosos à educação, uma vez que privilegia a hegemonia da língua e impede o pluralismo das linguagens característico de alunos provenientes de diferentes estratos sociais.

É evidente que a ocupação do Brasil se deu pelos povos indígenas, europeus e africanos. No entanto, os principais construtores dessa história sofreram inúmeras tentativas de apagamento de seus saberes para que só o saber eurocêntrico predominasse. Apesar das tentativas, esses povos resistiram e continuam resistindo e se contrapondo a uma história do Brasil hegemônica e eurocêntrica que parte da “grande descoberta” dos europeus.

Os quilombos do Brasil e mais especificamente do território capixaba foram formados através das fugas de povos que se rebelavam contra a exploração nas fazendas escravistas. Trazemos em destaque os africanos desembarcados no porto de São Mateus para serem submetidos ao trabalho escravo nas fazendas de

mandioca da região. De acordo com Ferreira (2011), através das fugas, da abolição da escravidão e da falência das fazendas escravistas no fim do século XIX, muitos negros de São Mateus e região, se apropriaram de um espaço isolado por densa floresta e passaram a se refugiar e se constituir enquanto campesinato, “a fuga foi um recurso muito utilizado pelos escravizados, em todos os tempos e lugares, para tentar a vida em liberdade. Com esse objetivo buscavam um lugar para morar nas matas, formando os quilombos” (Maciel, 2016, p. 95).

Além das fugas, existiram outras formas de resistência, como o assassinato e o envenenamento de senhores, suicídios, abortos; escravizados sempre negaram sua condição e reivindicaram seus direitos. Ora, a simples desobediência já retirava parte da autoridade do senhor que dependia, para que a fazenda funcionasse e desse lucro, da obediência cega dos trabalhadores (Schwarcz e Starling, 2018, p.104).

Diante disso, percebe-se que é um equívoco afirmar e propagar a ideia de que a escravidão no Brasil ocorreu de maneira pacífica e que os negros simplesmente se submeteram a ela. A resistência sempre esteve presente entre os povos oprimidos e é graças a ela que o silenciamento desses povos permanece apenas no campo das tentativas. Com o passar do tempo as formas de resistência do povo preto foram ganhando outros contornos, no cenário contemporâneo ela se materializa nas lutas de movimentos sociais, na busca por políticas de ações afirmativas, na representatividade de personalidades negras em diferentes espaços e principalmente no território da literatura.

Consideramos a literatura como um rico território, território esse que constantemente é alvo de disputas. Afinal, da mesma maneira que há predominância de conflitos agrários no Brasil, também há uma silenciosa disputa pelo território do saber neste país. Aqueles que dominam este território, geralmente tentam lhe impor cercas para limitar o espaço, assim, a literatura se torna algo inalcançável para a sociedade marginalizada, pois ainda que tenha acesso aos livros, não conseguem se identificar naquela linguagem.

De acordo com Cosson (2014, p.18-19), nosso corpo é formado por vários outros corpos, sendo eles o da linguagem, do sentimento, do imaginário, profissional etc. E é a mistura entre estes corpos que nos constitui enquanto seres humanos. O corpo da linguagem tem sua especialidade de funcionamento, uma vez que a linguagem que expressa o mundo é a sua matéria constitutiva. Basicamente, o mundo é constituído mediante o uso da palavra e na medida em que usamos a língua, o corpo da

linguagem vai aumentando e conseqüentemente aumentando também o nosso mundo.

Desse modo, as palavras utilizadas para alimentar o corpo da linguagem são oriundas da experiência com o meio social, e ao serem utilizadas pelas pessoas em seus diferentes meios, elas vão sendo ressignificadas, modificadas e multiplicadas. São inúmeras as possibilidades de exercício do corpo linguagem pelo uso das palavras, mas a escrita é a principal delas. De certa maneira, a humanidade é atravessada pela escrita, e é na literatura que este corpo encontra o seu “mais perfeito exercício”. Além de ser constituída pela palavra a literatura tem a escrita como seu principal veículo. Praticar literatura, seja lendo ou escrevendo-a é um exercício de exploração das potencialidades da linguagem:

[...] É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (Cosson, 2014, p.19)

Assim, Cosson propõe que a literatura é um campo da linguagem ao qual não cabe limites impostos pela sociedade letrada. Exercitar a escrita e a leitura de textos literários possibilita aos seus agentes a originalidade em seu modo de ser dono da linguagem, linguagem essa que perpassa por todos.

Torto arado é um reflexo desse pensamento, enquanto obra literária afro-brasileira, o conteúdo de sua escrita nos remete a história de uma população que raramente ganha destaque nas entrelinhas literárias, esta linguagem tendo como dono o autor Itamar Vieira Júnior, passa então a ser de todos os leitores que lhe tendo acesso, conseguem ressignificá-la para si.

De acordo com Duarte (2008), produções literárias afro-brasileiras possuem componentes indissociáveis na manutenção de sua especificidade, são eles, a temática negra, a autoria negra, o ponto de vista negro, a linguagem negra e o público negro. A Literatura afro-brasileira se contrapõe às produções literárias hegemônicas que excluem o negro dos papéis relevantes e propaga a imagem de que o meio literário é naturalmente branco, nela, história do povo preto é contada pelo próprio preto, sem intermediários.

Sendo assim, consideramos a relevância da literatura afro-brasileira no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que através de sua linguagem podemos

estabelecer significativos diálogos acerca das relações étnico-raciais, superando concepções de ensino que não levam em consideração as realidades dos educandos.

Para Benjamin (2012), é preciso superar a concepção de historiografia linear, cronológica e homogênea que transmite aos indivíduos apenas a lembrança de uma sequência distorcida e pré-determinada dos acontecimentos passados. Tornando-se necessário ter uma experiência com o passado que parta do presente, levando o indivíduo a um processo de emancipação que permita ser capaz de olhar para as memórias do ontem e identificar nelas as vivências do hoje, é somente através desta troca de experiência que a história e o passado passam a ter significância.

Sueli Carneiro em seu livro *Dispositivo de racialidade* (2023), remonta a ideia do conceito de dispositivo elaborado por Michel Foucault para entender ou explicar a dinâmica das relações raciais no Brasil, mostrando que na sociedade brasileira opera um dispositivo de racialidade que articulada por outros elementos, coloca a racialidade como um meio de dominação que “produz poderes, saberes e subjetividades pela negação de outros poderes, saberes e subjetividades” (2023, p.12). Um desses elementos é o biopoder que ao operar em conjunto com a racialidade, instrumentaliza-a:

Combinado ao racismo, o biopoder promove a vida da raça considerada mais sadia e mais pura e promove a morte da raça considerada inferior [...] contudo, para aqueles que sobrevivem, o dispositivo de racialidade reserva outras estratégias de assujeitamento. Dentre os seus elementos constitutivos destaco o epistemicídio, conceito que empresto de Boaventura de Sousa Santos para evidenciar o papel da educação na reprodução e permanência de poderes, saberes e subjetividades que o próprio dispositivo produz. Através do epistemicídio — que é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão — as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente (Carneiro, 2023, p.13).

De fato, o epistemicídio há muito vem promovendo a invisibilidade dos saberes considerados fora dos padrões exigidos pelos que se dizem detentores do conhecimento. No entanto, há uma resistência assídua dos povos marginalizados contra este sistema de exclusão, e podemos identificá-las nas entrelinhas da literatura afro-brasileira. Nestes textos literários encontramos um movimento de valorização de saberes, culturas e tradições do povo afro-brasileiro, que contribui de maneira efetiva na manutenção do imaginário desses povos.

O texto literário tem esse poder revolucionário de unir vários povos através de sua linguagem, por isso “o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros (Cosson,2014, p.31).” Desse modo, Cosson (2014) ainda afirma que este efeito fica ainda mais perceptível quando notamos que aquilo que expressamos no fim de uma leitura de um texto não são nossos sentimentos e sim os sentidos dele e é esse compartilhamento que faz da leitura algo tão significativo em um grupo de leitores. A partir desta perspectiva consideramos que a leitura e reflexão coletiva de uma obra tem um potencial relevante na percepção de suas temáticas, uma vez que ao ser realizada em grupo ela possibilita a compreensão do texto sob a ótica de diferentes sujeitos.

Considerações finais

Um provérbio africano diz que até os leões contarem histórias, os contos sempre glorificarão os caçadores. De fato, por muito tempo a história do Brasil foi contada a partir das narrativas colonizadoras, obviamente evidenciando glórias heroísmos daqueles que a escreviam. No entanto, os leões não ficaram calados, novas versões vêm sendo contadas e em todas é possível notar a bravura e a resistência daqueles que foram relegados da história oficial.

Este é um país atravessado pela diversidade étnica em sua formação, desse modo, não faz sentido que a história brasileira esteja direcionada a evidenciar apenas o ponto de vista de um povo em detrimento de outro. Como visto, obras como Torto arado tem muito a contribuir nas práticas de ensino antirracistas nas escolas pois são obras que, apesar de fictícias, retratam a realidade nua e crua da sociedade brasileira. Vale ressaltar que este estudo não chega a uma conclusão absoluta e acabada, ainda são necessários muitos outros estudos empenhados em enriquecer as reflexões acerca da literatura afro-brasileira no processo de ensino- aprendizagem.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRANDÃO, C.R; CORREA BORGES, M. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI:10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: [://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988](http://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988). Acesso em: 12 jun. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, p. 11- 23, 2008.

FERREIRA, Simone. **Quilombolas do Sapê do Norte**: a territorialidade revivida pela memória. In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES, 2011, Vitória – ES. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, 2011. V. 1. P. 1-17

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009. p. 33-44.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. 2. Ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São paulo: Contexto, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.